

RELAÇÕES SIMBIÓTICAS ENTRE JORNALISTAS E DISPOSITIVOS MÓVEIS NO CONTEXTO DA MUDIATIZAÇÃO – UM ESTUDO SOBRE JORNALISTAS EM ESTOCOLMO, SUÉCIA

SYMBIOTIC RELATIONSHIPS BETWEEN JOURNALISTS AND MOBILE DEVICES IN THE CONTEXT OF MEDIATIZATION – A STUDY OF JOURNALISTS IN STOCKHOLM, SWEDEN

Marcio Morrison Kaviski Marcellino

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-6054>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.64441

RESUMO:

Este artigo busca, a partir de resultados coletados em uma pesquisa doutoral realizada entre 2020-2024, identificar o que emerge das relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de jornalismo na Suécia, mais especificamente em Estocolmo, no contexto da midiatização. Como discussão teórica, são abarcados conceitos da midiatização e relações simbióticas. Como metodologia, o artigo explora sete entrevistas realizadas presencialmente com jornalistas suecos. Fica evidente um novo papel dos jornalistas nesse cenário e o surgimento de redações midiatizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Relações simbióticas, jornalismo midiatizado, redações midiatizadas.

ABSTRACT:

This article aims, based on results collected from doctoral research conducted between 2020-2024, to identify what emerges from the symbiotic relationships between journalists and mobile devices in newsrooms in Sweden, specifically in Stockholm, within the context of mediatization. The theoretical discussion encompasses concepts of mediatization and symbiotic relationships. Methodologically, the article draws on seven in-person interviews conducted with Swedish journalists. The findings reveal a new role for journalists in this landscape and the emergence of mediatized newsrooms.

KEYWORDS: Symbiotic relationships, mediatized journalism, mediatized newsrooms.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um fragmento empírico de uma tese defendida em meados de 2024. O trabalho tem como objetivo identificar o que emerge das relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de jornalismo na Suécia, mais especificamente em Estocolmo, no contexto da midiatização.

A escolha da Suécia e da cidade de Estocolmo deve-se à realização de um doutorado sanduíche por meio do projeto Capes-Stint, em parceria com as universidades Unisinos, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Södertörn University, durante um período de 10 meses, entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Como mencionado, este artigo é um recorte empírico da tese defendida em 2024 e busca discutir as questões encontradas no período do doutorado sanduíche. A pesquisa, portanto, apresenta uma contribuição geográfica e cultural distinta da brasileira, mas que auxilia na compreensão do jornalismo e das relações dos jornalistas com os dispositivos móveis de forma plural, servindo como base de tensionamento para outros estudos.

Como movimento teórico de discussão, o trabalho se insere no contexto do jornalismo midiatizado, que constitui o ponto central da análise. Ou seja, embora retrate as relações entre jornalistas e dispositivos móveis e, principalmente, as mudanças nas redações, o foco principal da discussão está no paradigma da midiatização. Reconhecemos que há uma vasta produção acadêmica, tanto brasileira quanto internacional, sobre o impacto dos dispositivos móveis nas redações e nas práticas jornalísticas; contudo, este estudo adere especificamente à perspectiva da midiatização.

Para responder aos questionamentos propostos, o artigo se baseia metodologicamente em entrevistas em profundidade com jornalistas que atuam na Suécia, mais especificamente na capital, Estocolmo. Ao todo, foram entrevistados sete jornalistas que trabalham em veículos como *Dagens ETC*, *T&T*, *Sveriges Radio*, além de um jornalista *freelancer*.

RELAÇÕES SIMBIÓTICAS – UMA APROXIMAÇÃO DO CONCEITO

O avanço tecnológico e comunicacional na nossa sociedade está inserido em contextos sociais, políticos e econômicos cada vez mais plurais e com experiências mais imersivas. Nesse cenário, os dispositivos tecnológicos móveis tornaram-se parte do cotidiano e da essência social.

Os *smartphones*, ou aparelhos celulares, são extensões de atividades e de quem somos enquanto indivíduos. Com esses dispositivos, é possível acessar nossas identidades virtuais por meio das redes sociais em diversas plataformas, como X, Instagram e WhatsApp, assim como as identidades reais, com documentos financeiros e de identificação armazenados em carteiras virtuais.

Um dos pioneiros a discutir a relação entre homem, tecnologia e comunicação foi o teórico francês Pierre Teilhard de Chardin (2018). Já na década de 1950, o autor previa uma grande mudança de era, na qual a humanidade daria um passo decisivo para uma transformação não apenas pessoal, mas também ambiental:

Estamos, neste exato momento, passando por uma mudança de era. A era da indústria: a era do petróleo, da eletricidade e do átomo; a era da máquina, das grandes coletividades e da ciência - o futuro decidirá qual é o melhor nome para descrever a era em que estamos entrando. A palavra pouco importa. O que importa é que nos digam que, à custa daquilo que estamos suportando, a vida está dando um passo, e um passo decisivo, em nós e no nosso ambiente (Chardin, 2018, p. 214).

Chardin (2018) também foi precursor ao abordar o aspecto de imersão nessas mudanças sociais: “A imersão tornou-se possível, e o equilíbrio deu o impulso infinitesimal à existência” (Chardin, 2018, p. 217).

É possível perceber socialmente uma reconfiguração da maneira como os meios de comunicação e a tecnologia, em consonância com as práticas e os processos sociais, transformam a vida. Nessa perspectiva, insere-se Marshall McLuhan (1964), um dos principais autores da Escola de Toronto, que compreendia os meios comunicacionais como reconfiguradores da inserção cultural e social da sociedade. Em sua teoria, o autor menciona que elementos do cotidiano funcionam como extensões de nós mesmos. Assim, os *smartphones* podem ser entendidos como extensões de nosso ser (Marcellino; Fort, 2018).

Outro estudioso da Escola de Toronto, Erick Kerckhove, aponta que expandimos quem somos do ambiente *offline* para o *on-line*: “Recorremos à internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia” (Kerckhove, 2015, p. 54). Em outras palavras, criam-se perfis para expressar, no mundo virtual, quem somos e o que pensamos no mundo real.

A possibilidade de externar sentimentos *on-line* a qualquer momento, por meio de dispositivos móveis e com a característica da ubiquidade, cria uma relação cada vez mais

próxima entre indivíduos e tecnologia. Algo semelhante ao que Joel de Rosnay (1997) chamava de relação simbiótica ou *simbionte*. Segundo Marcio Marcellino e Mônica Fort (2018), os dispositivos móveis se materializam na própria questão do ser. Para os autores, as relações simbióticas ultrapassam as questões físicas ou materiais:

Leva-se em conta que mídias móveis se tornam o próprio ser ou, pelo menos, materializam-se na questão do ser. Perfis em redes sociais, acessados por aparelhos móveis com o auxílio da internet, são o exemplo mais próximo dessa realidade. Ocorre aqui uma proximidade entre o on-line e o offline, sendo quase impossível distinguir um do outro, tornando-os apenas um híbrido. A utilização dos meios de comunicação móvel, por consequência, está sendo vista, sob esse aspecto, como extensão daquilo que somos, acreditamos e sentimos. Ou seja, as extensões entendidas neste trabalho vão além das questões físicas e materiais (Marcellino; Fort, 2018, p. 4).

Em outras palavras, as mídias móveis tornam-se a materialização do próprio ser, onde não há distinção entre o que está na rede e o que está fora dela. Assim, as extensões abordadas neste trabalho, no contexto das relações simbióticas, vão além das materialidades e mediações. Os simbiotes representam a unificação de sentimentos, percepções, vontades, inquietações e desejos, em um espaço desterritorializado que nasce da interação quase ininterrupta dos seres humanos com seus aparatos tecnológicos, aprofundando-se na forma como se comunicam.

As relações simbióticas impactam diversas camadas sociais, e os profissionais de comunicação também estão inseridos nesse conceito. Os dispositivos móveis fazem parte das redações jornalísticas, de agências de publicidade, e são ferramentas essenciais nas relações públicas. No âmbito do jornalismo, tema central deste artigo, os dispositivos móveis são utilizados nas redações para uma ampla gama de atividades, como elaboração de pautas, edição de conteúdos, contato com fontes, gravação de programas como *podcasts*, produção de vídeos e captura de fotografias.

Marcio Marcellino e Ana Paula da Rosa (2020), em uma pesquisa sobre a relação entre jornalistas e dispositivos em redações de Curitiba (PR), apontam o uso dos aparelhos na produção de conteúdo jornalístico, abrangendo desde a apuração até a edição dos materiais. Os autores afirmam que “fica evidente que os dispositivos móveis aceleram o processo de circulação da informação, já que esses dispositivos também são usados para uma troca simbólica de informações. Essa utilização cria determinada dependência dos aparatos móveis” (Marcellino; Rosa, 2020, p. 177).

Assim, este artigo se propõe a observar o contexto das relações simbióticas na comunicação e na sociedade sob a ótica dos jornalistas, com o objetivo de compreender quais práticas são modificadas nas redações no contexto da midiática em Estocolmo. Em outras palavras, busca-se entender de que forma esse elo transforma sociabilidades e práticas no exercício do jornalismo

MIDIATIZAÇÃO E JORNALISMO – PERSPECTIVAS E CONCEITOS

Para contextualizar o ambiente social e científico, é essencial para a discussão desse artigo se debruçar nos conceitos de midiática e jornalismo midiático. A midiática se insere nesse contexto pois se preocupa com as mudanças das práticas e dos processos sociais em nossa sociedade com a vigência das tecnologias ao longo do nosso tempo.

Nesse contexto, é preciso entender a midiática enquanto um fenômeno que, apesar de global, se engendra de maneira distinta no tecido social de cada sociedade. Nesse sentido, Mario Carlón (2008) propõe que a midiática apresenta tempos crônicos e locais distintos. Em outras palavras, o que o autor apresenta é que a midiática de uma sociedade está ligada à forma como as lógicas midiáticas são adaptadas em cada território. Aqui é necessário destacar que essas lógicas não são oriundas apenas de questões econômicas, mas, como aponta Marcio Marcellino (2024), de questões culturais e sociais.

O primeiro conceito da midiática que abordaremos neste artigo é o de ambiência. Pedro Gilberto Gomes (2017) afirma que as novas tecnologias são inseridas em um jogo de fragmentação do habitat cultural. Para o autor,

aceitar a midiática como um novo modo de ser no mundo coloca a sociedade numa nova ambiência que, se bem tenha fundamentado no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal. Mesmo que as mediações material e simbólica estejam unidas no processo de midiática, essa não é um passo a mais num processo evolutivo, mas um novo qualitativo, síntese na dialética sujeito/objeto (Gomes, 2017, p. 94).

Antônio Fausto Neto (2007, p. 121), na mesma perspectiva que Pedro Gilberto Gomes, aponta para o impacto de uma nova ambiência nas rotinas produtivas do jornalismo. Para o autor, “hoje, diante do impacto da sociedade da midiática enquanto uma nova ambiência, a produção jornalística se realiza através de dispositivos de produção de sentido mais complexos”.

O uso de dispositivos móveis (ou dispositivos técnicos, seguindo a proposta do autor) afetam as redações de jornalismo em processos que são culturais e discursivos e, em decorrência, os seus usos pelos jornalistas também é afetado por essas lógicas. O que vemos, na ambiência da midiatização, são jornalistas se adaptando culturalmente e socialmente às novas tecnologias. O uso dos dispositivos móveis, como celulares, é um fenômeno que vai além do social, se torna cultural e antropológico, é parte do contexto em que a sociedade se encontra e parte de quem somos como sociedade.

Um ponto relevante nas discussões do jornalismo midiatizado é a alteração das relações entre atores sociais e jornalistas. Para os teóricos da midiatização, há uma inversão no papel dos atores sociais que agora são parte importante de jogos de produção de sentido nas redes sociais, modificando as práticas e os processos dos jornalistas dentro das redações e das dinâmicas profissionais.

A partir dessa nova perspectiva dos atores sociais, Ana Paula da Rosa (2016, p. 77) apresenta o conceito de Fagia Midiática. Para a autora, “a Fagia Midiática é o movimento de ascensão do ator social, quando este chega ao dispositivo midiático jornalístico que consome, digere aquilo que foi produzido no espaço individual”.

A autora destaca, porém, que a Fagia midiática não é o reconhecimento do ator social acionado por dinâmicas discursivas de sentido, ela é reflexo de uma crise do próprio jornalismo, que consome esses conteúdos e deixa a apuração da notícia para um segundo plano.

O artigo, porém, se mostra relevante e se baseia justamente na falta de estudos da midiatização do jornalismo que explorem práticas e processos que vão além das discussões referentes ao aspecto dos atores sociais. Inúmeras práticas e processos sociais foram alterados com a tecnologia ao longo do tempo nas redações e no próprio ato de fazer jornalismo.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para compreender os objetivos deste artigo enquanto pesquisa, foi necessário realizar entrevistas em profundidade com profissionais que atuam em redações de jornalismo na Suécia. Por se tratar de uma pesquisa fundamentada no paradigma da midiatização, com foco no jornalismo, as entrevistas foram essenciais para entender de que forma as redações jornalísticas e os dispositivos móveis afetam, cultural e discursivamente, as práticas e os processos da profissão.

Claudia Lago (2010), ao abordar a metodologia no campo comunicacional, aponta que a escuta ocorre não apenas por meio de entrevistas em profundidade, mas também em diálogos casuais, nos quais o pesquisador observa os sentidos das ações, rituais e significados do grupo observado. No total, foram realizadas sete entrevistas com profissionais de três redações diferentes e com um jornalista *freelancer*. Segundo Lago (2010), não há um número pré-determinado de entrevistados para a aplicação do método, pois “o número de informantes que serão ouvidos dependerá da pesquisa realizada, do objeto em questão, enfim, do *feeling* do pesquisador” (Lago, 2010, p. 52). A autora complementa que o mais importante no processo é que a escuta seja conduzida da forma mais aberta possível.

É importante destacar que as entrevistas apresentadas neste artigo possuem um caráter semiestruturado. Mario Cardano (2017) afirma que a elaboração de um roteiro de entrevista exige um planejamento prévio. Além disso, segundo o autor, as perguntas podem ser apresentadas aos entrevistados no momento em que o pesquisador julgar mais adequado para o processo metodológico. Nos apêndices deste documento, é possível observar uma pré-estruturação das perguntas. No entanto, é relevante ressaltar que as entrevistas aqui conduzidas não seguiram um formato rigidamente estruturado. Ou seja, algumas perguntas foram formuladas especificamente de acordo com as condições de cada redação, dos jornalistas e do contexto particular de cada local observado.

Neste artigo, partimos do princípio de que as relações simbióticas são parte das práticas e dos processos sociais vigentes em uma sociedade midiaticizada. Como mencionado anteriormente, compreendemos as relações simbióticas como uma manifestação antropológica, social e comunicacional que atinge diversas camadas do tecido social. Em outras palavras, o vínculo entre os seres humanos e os dispositivos móveis tem se tornado, em ritmo exponencial, indivisível. No entanto, nosso objetivo com as entrevistas foi identificar, especificamente, de que forma esse fenômeno remodela as práticas jornalísticas e as dinâmicas das redações na Suécia.

A partir disso, as sete entrevistas realizadas foram fundamentais para compreender as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis como um fenômeno global. Um dos primeiros pontos de destaque é a forma como essas relações tornaram o jornalismo mais instantâneo e ágil. Lars Larsson, por exemplo, afirma que o jornalismo se tornou mais dinâmico e que o uso dos celulares favorece essa rapidez.

A forma como fazemos jornalismo é mais rápida agora. A velocidade sempre esteve presente principalmente nas agências de notícias, mas agora está por tudo. Não importa se é um jornal ou uma agência de notícias. Quero dizer ao vivo, relatos ao vivo. Era como a versão mais antiga dos jornais, o teleprinter, chegava às agências de notícias e mudava tudo. Mas primeiro, quando comecei, não havia telefones celulares. Os únicos que tinham celular no final dos anos 80 eram os fotógrafos dos jornais, tinham celular no carro (Lars Larsson, 2023).

A fala de Lars Larsson nos remete exatamente ao centro de nossa busca: as processualidades de um ambiente em processo da midiatização ao longo do tempo. Nesse sentido, é interessante observar justamente a adaptabilidade da profissão do jornalista que, através do tempo, necessitou compreender não somente diferentes tecnologias, mas como a sociedade é impactada nessas ocasiões.

Em uma outra perspectiva histórica diferente da apresentada por Lars Larsson, Sofie Axelsson, que começou a trabalhar com jornalismo em 2020, afirma já estar acostumada com o trabalho envolvendo os dispositivos móveis em uma rotina diária na redação.

Sim, eu uso muitas tecnologias e geralmente é útil, mas também pode se tornar demais porque você está tão inserido em seu telefone, então seu telefone geralmente tem muitos aplicativos diferentes, nem sempre diretamente para o seu trabalho. Você pega suas redes sociais e, ao mesmo tempo, você tem que fazer as redes sociais porque faz parte do trabalho e também é (...). Sabe quando você quer fugir desse mundo? E é difícil porque está sempre lá (Sofie Axelsson, 2023).

Por outro lado, a fala da jornalista denota exatamente o que afirmamos que existe na relação entre jornalistas e dispositivos móveis: uma simbiose de difícil dissociação. Em um ambiente midiatizado, em que as interações se tornam ainda mais complexas, os *smartphones* são essenciais para as práticas e os processos.

Os *smartphones*, nas relações simbióticas entre jornalistas, também ocupam uma função de apoio às práticas cotidianas. Julius Harro, por exemplo, destaca que toda a pesquisa realizada em seus trabalhos é feita a partir dos dispositivos móveis. Além disso, o jornalista destaca também a importância que há nas redes sociais. Para ele, tornou-se cotidiano e parte do trabalho jornalístico checar as notificações e as publicações nas principais redes sociais. Os *smartphones*, nesse caso, são parte importante de uma vigilância de dados.

Quando eu trabalhava com *on-line* eu usava meu *smartphone* para ver como ficava no *app*, porque quando falamos de *on-line* nós não produzimos só para o *site*, mas para o *app* também. Então essa é uma parte importante, mas também temos produtores. Em termos do meu trabalho atual de rádio, o telefone é muito importante, eu diria, porque estou trabalhando

na tela com meu computador, mas se tiver que fazer pesquisas rápidas sobre os tópicos, uso meu telefone. Também uso para redes sociais, claro, onde muitos assuntos são discutidos ou até mesmo levantados através das redes sociais. Então eu faço isso com o meu telefone. *Instagram*, *Twitter*. É sempre uma boa fonte para mim, mas, acima de tudo, acho que é a principal fonte de onde recebo minhas notícias. Não ouço muito rádio, leio jornais no escritório, mas tudo o mais posso fazer no celular. Então, para obter informações eu mesmo e me manter informado. Este é o meu dispositivo de escolha (Julius Harro, 2023).

A fala de Julius Harro nos faz perceber que os dispositivos móveis são importantes em um ambiente midiático, pois perpassam por diversos processos sociais que estão intrínsecos às necessidades dos profissionais. A partir deles, os contatos com os atores sociais são cercados por meio das redes e, pelas próprias redes sociais, o profissional não só se atualiza de maneira ágil sobre o que é notícia, mas observa as produções de sentido derivadas dos atores sociais.

Signe Lidén, editora do *Dagens ETC*, destaca outro ponto que nos faz pensar sobre as mudanças nas práticas e nos processos jornalísticos: compreender que o jornalismo precisa, agora, atender a diversos formatos de texto e vídeo, e para mais de um tipo de suporte tecnológico. As reportagens não são pensadas mais apenas para os sites e portais, mas também para o formato dos celulares, além de *stories*, por exemplo. Há outro ponto relevante na fala de Signe Lidén: a de que a leitura das notícias do *Dagens ETC* é realizada, em sua maioria, por meio dos dispositivos móveis.

Acho que atender o leitor pelo celular ou até mesmo um *desktop*. Essa é a grande mudança, estar onde os leitores estão. A maioria dos nossos leitores são de celulares (Signe Lidén, 2023).

Em uma ambiência em processo de midiática, é natural que o jornalismo também esteja em uma constante adaptabilidade e em transformações da realidade. Seja através de formatos ou do próprio contato do profissional de comunicação com os atores sociais. Marten Eidevall, editor de redes sociais do *Sveriges Radio*, destaca a dificuldade em explicar para os jornalistas a importância de se pensar na construção de conteúdos que serão consumidos em dispositivos móveis, como os *stories* do *Instagram*. De acordo com o profissional, há uma determinada resistência por parte dos repórteres que estão se acostumando com o processo de produção para diversos meios e formatos de comunicação.

Nos últimos dois anos, eu definitivamente diria que demorou um pouco para nós (nos acostumarmos a produzir conteúdos para dispositivos móveis). Continuamos fazendo um plano. Na maioria dos dias ou como postagens regulares no *Instagram*, mas a maneira como você se apresenta no *Instagram* não precisa ser a mesma todos os dias. Mas, sim, temos colocado

e os repórteres sabem que têm que produzir alguns vídeos ou fotos para podermos usar nos próximos dias. Eles têm que aprender uma maneira de fazer isso e seu truque pois quando você faz rádio é muito aqui e agora, mas você tem que ser mais atemporal. Tem sido complicado explicar aos repórteres por que isso é importante, por que estamos fazendo isso. Eu tenho que explicar por que estamos colocando tanto tempo no Instagram, mas eles finalmente estão vendo. Porque quando eles se olham no Instagram, eles se acostumam e meio que gostam, e esse é um bom portfólio deles (Marten Eidevall, 2023).

O que percebemos, portanto, é um jornalista multimidiático que deve produzir e pensar conteúdos para diversos nichos de mídia: rádio, televisão, internet, redes sociais etc., e que usa as redes sociais como uma ferramenta de pesquisa e métrica de resultados publicados pelos jornais. Porém, o jornalista multimidiático que emerge das relações com os dispositivos móveis e as novas práticas e processos nas redações não é novidade e já foi discutido por autores como Barbosa e Seixas (2013); Bertolini (2017); entre outros. O que nos interessa neste artigo, portanto, é ir além da prática jornalística para mais de uma mídia. É preciso compreender quais novas camadas estão inseridas nesse complexo jogo, que não é apenas tecnológico, mas que também muda aspectos sociais do fazer jornalístico em uma ambiência em processo de midiatização. Em outras palavras, entender de que forma as práticas jornalísticas são afetadas e remodeladas pela midiatização.

Em um primeiro momento, o que nos chama a atenção é a presença de redações de jornalismo que se estendem para o ambiente virtual, ou seja, não estão somente em um espaço físico. Todos os entrevistados afirmaram que suas redações possuem grupos/ferramentas que podem ser acessadas virtualmente. O *Dagens ETC*, por exemplo, possui grupos subdivididos por editorias e um grupo geral da redação no *Skype*. Enquanto isso, as redações do *TT News Agency*, *Sveriges Radio* e *WDR* possuem grupos de trabalho no *Microsoft Teams*.

Um dos fatores que acelerou o processo em utilizar os espaços de redações em aplicativos foi a pandemia de covid-19. Clara Lee destaca que é possível, no *Dagens ETC*, trabalhar de forma híbrida. De acordo com a jornalista, eles são obrigados a comparecer na redação física apenas dois dias na semana. Em outras palavras, a redação física não é mais um espaço essencial para a prática jornalística cotidiana.

Eu acho, mas o que acontece, agora a gente está autorizado a trabalhar de casa. A gente precisa trabalhar dois dias na redação física e no resto do tempo podemos trabalhar de casa ou em outro lugar. Eu acho que (... pausa de um tempo) A gente está usando o *Skype*,

que eu acho muito *old school*, a gente está usando isso como um meio de comunicação com mídias e *chats*. Então, talvez, no meu caso, no meu trabalho, a gente já estava acostumado a comunicar muito pelo Skype e pelo telefone e tal. A mudança não foi tão radical assim, agora eu estou trabalhando com cultura e eu escrevo coisas com um ponto de partida mais filosófico, sei lá, talvez eu não precise. Agora uma pessoa que trabalha com notícias muito mais atuais, aí eu acho importante ir na redação para poder ver e trabalhar, só que eu não vejo isso como algo necessário assim. Eu vou lá para outros motivos, mas não é algo como se eu não vou lá eu não consigo realizar o meu trabalho (Clara Lee, 2023).

Por outro lado, há na fala da jornalista uma inquietação sobre o próprio espaço do profissional em um ambiente de trabalho. O que vemos é uma outra ambiência em que o espaço físico se remodela para outros ambientes que estão imbricados em espaços múltiplos e desterritoriais. Apesar de não ser necessária para a prática jornalística, a redação, enquanto espaço físico, ainda é um local em que as interações parecem ocorrer de formas mais diretas, um lugar de compartilhamento de ideais e de aprofundamento das relações. É nessa lógica que observamos outro conceito da midiatização fundamental para o artigo: o de dispositivo interacional. Nesse sentido, José Luiz Braga (2020) afirma que onde há interação encontramos dispositivos em ação.

Como dito anteriormente, as redações em aplicativos móveis não são uma novidade ou exclusividade de uma redação específica da Suécia. Marten Eidevall, editor de redes sociais da *Sveriges Radio*, afirma que a equipe de comunicação já utiliza o Teams para realizar reuniões e trocar informações sobre o processo cotidiano. Além disso, o profissional indica que esse não é um movimento novo no grupo de comunicação e, mesmo assim, ainda passa por uma adaptabilidade dos jornalistas.

Tem sido muito bom e ruim para muitas pessoas. O Teams da Microsoft não é um dos melhores programas. Quero dizer, costumávamos usar o Slack e conversávamos muito. Algumas pessoas pensaram que eles tiraram muita energia de nós. A empresa decidiu integrar o Teams da Microsoft e você poderia a partir dali começar um grupo. Tínhamos alguns grupos com pessoas conversando. Quer dizer, muitas pessoas conversam muito, então algumas pessoas acabam achando estranho que tenhamos reuniões no Teams, por exemplo. Se estiver todo mundo no escritório e tiver pelo menos dois caras *on-line*, fazemos a reunião no Teams. Então usamos muito, definitivamente, digo, eu estou confiante em usar apenas para ideias e tudo mais. Mas algumas pessoas não respondem ou pegam o *chat*, por exemplo. Percebo que muitas pessoas estão mais acostumadas com isso agora, principalmente porque as pessoas respondem rapidamente, por exemplo (Marten Eidevall, 2023).

Em outra redação, Signe Lidén, editora do *Dagens ETC*, destaca que a ferramenta do Skype já existia no jornal antes da pandemia, mas que o uso do aplicativo foi amplificado

durante a crise de saúde. Ainda segundo a jornalista, o espaço é utilizado para interações entre os jornalistas na redação.

Eu acho que isso é ótimo. Temos o Skype como ferramenta o tempo todo, desde antes da pandemia. Porque não temos repórteres apenas em Estocolmo, temos em Helsingborg também. Então, sempre fomos meio híbridos. As reuniões matinais em que os editores e repórteres discutem o que levar nos próximos dias sempre foram em vídeo e físicas. Portanto, isso não é uma mudança durante a pandemia. Mas temos um grande bate-papo para todas as pessoas que trabalham para a *Dagens ETC* e falamos principalmente sobre “Oh, você viu essa notícia” ou “houve um... como você chama, posso encontrar a palavra”. Mas coisas estão acontecendo. Então ou se você precisar do número de telefone do pesquisador. E, claro, um lugar de descontração (Signe Lidén, 2023).

A fala da jornalista é importante para reforçar um ponto de observação deste artigo: a pandemia não criou novos formatos ou tendências no jornalismo, mas amplificou processos em midiatização correntes. Em outras palavras, a ambiência midiatizada no jornalismo precisou acelerar processos que já estavam em curso para uma adaptabilidade de uma realidade presente, criando, por exemplo, o trabalho híbrido na profissão, algo que não era comum.

O trabalho híbrido foi também destacado pelo jornalista Julius Harro. O que emerge da experiência de Harro, porém, é a sensação de estar disponível durante o tempo inteiro. Ou seja, o jornalista já não tem mais um espaço em que ele não esteja trabalhando. As redações em aplicativos não desconectam o jornalista do trabalho, fazendo o processo de apuração e escrita contínuo.

Então, durante a pandemia a gente não trabalhou no escritório também. Eu trabalhava em casa e remotamente, o que foi bem legal no começo, porque o escritório era bastante estressante, trabalhando com notícias diárias. Tudo é rápido e você sempre tem a pressão do tempo. Então, primeiro, quando trabalhava em casa, era super relaxante para mim e me sentia muito mais focado. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas tinham que se acostumar a se comunicar também, usamos muitas equipes da Microsoft para nos comunicar e, claro, tenho o aplicativo Microsoft Teams para funcionar como ferramenta de comunicação no meu telefone. Então, eu estava disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, fora do meu horário de trabalho, o que era definitivamente diferente antes, porque uma vez que você saía do escritório, às vezes recebia uma ligação. Mas na pandemia tive um sentimento de ter que estar sempre disponível, e aí tive que desligar as notificações do meu *app* quando parei de trabalhar (Julius Harro, 2023).

A experiência da jornalista Sofie Axelsson segue a mesma linha de raciocínio. Segundo ela, não há espaço para a desconexão. Ou seja, as redações em aplicativos proporcionam

ao profissional uma conexão indissociável em que não há mais espaço para o descanso. O jornalista é jornalista 24 horas sete dias por semana.

E o fato é que as pessoas também não param de usar o tópico do Skype depois do horário de trabalho. Portanto, é uma redação sempre em funcionamento que você só se preocupa e sou curiosa, assim como a maioria dos jornalistas, então verifico o que as pessoas estão escrevendo tarde da noite de sábado (Sofie Axelsson, 2023).

Outro ponto que surge das redações em aplicativos móveis é o próprio isolamento social do jornalista. Apesar de estarem conectados 24 horas, os jornalistas sentem, em geral, que houve um deslocamento das relações sociais à distância. Não há maior proximidade entre eles, e os dispositivos interacionais nas redações são reconfigurados. Sofie Axelsson, por exemplo, destaca que se sentiu isolada durante a pandemia pois só conversava com o chefe mais próximo.

Sim, mudou muito. Antes da pandemia, eu trabalhava em um jornal local e nesse trabalho eu estava constantemente conversando com as pessoas do bairro, e assim por diante, que fechou e se tornou um tipo de trabalho completamente diferente que só podíamos ligar para quem quer que estivesse em nossa história. Comecei aqui na pandemia e isso também foi muito difícil, porque não pude ver meus colegas e não consegui fazer amigos. Eu tive esse colega que conversou comigo, mas tipo, não é natural começar um novo tópico no Skype e dizer “oi, tudo bem?” e ter uma conversa aleatória. Portanto, era principalmente uma conversa entre mim e meu chefe mais próximo e a reunião matinal. Então ficou muito mais isolada, eu diria (Sofie Axelsson, 2023).

Nas relações sociais dentro das redações de jornalismo em aplicativos, Olof Klugman destaca que entre as principais diferenças está a falta de comunicação pessoal e direta com outros membros da redação. O jornalista aponta que há uma diferença entre as relações em espaços *on-line* e *off-line*.

Quero dizer, no meu antigo emprego eu estava em um jornal com apenas seis ou sete jornalistas e quase todo o trabalho era em casa, então estou acostumado a trabalhar nisso, embora eu realmente não goste, quero dizer, é uma coisa totalmente diferente de falar com seu editor, por exemplo, na vida real, você pode ouvir conselhos, por exemplo. Portanto, há pequenas diferenças quando você conversa no Skype ou nos espaços *on-line* (Olof Klugman, 2023).

Ainda segundo Olof Klugman, ao trabalhar de casa, o jornalista perde os espaços sociais e altera costumes, e isso afeta diretamente as próprias práticas jornalísticas dentro das redações, como *inputs* e ideias de outros colegas.

Eu acho, de uma forma que você se acostuma (com o *home office*). Você fica melhor em usar e você fica muito claro nas comunicações, porque você só conversa com as pessoas e assim por

diante e você tem que ter muito cuidado para ser claro. Assim você se acostuma. Mas a longo prazo, alguma coisa pega, bom, você trabalha tanto em casa, como meu antigo jornal, o grande problema é que você não pega esse papo na hora do almoço e tal, essa hora fika¹ quando você fala sobre coisas que não são óbvias ou relevantes para você agora, quando você tem ideias para o trabalho ou uma perspectiva diferente que você trabalha. Quando você trabalha em casa, ganha tanto, como se diz, em curtos tempos você trabalha ainda melhor, você não fica incomodado da mesma forma que em uma redação porque não tem outros *inputs* de outras pessoas, mas em longo prazo você perde alguma coisa (Olof Klugman, 2023).

O que vemos, portanto, é uma afetação nas relações sociais dentro das redações de jornalismo. Em outras palavras, a conexão 24 horas e 7 dias por semana através dos dispositivos móveis não supre as demandas sociais e discursivas das redações de jornalismo. O jornalismo, em sua origem, é um trabalho realizado em equipe e, ao que parece, a desterritorialização dos espaços afeta diretamente os vínculos sociais que ainda não estabelecidos enquanto processos cotidianos da mesma forma em que estão fora dos espaços *on-line*.

Além do distanciamento social causado pela extensão das redações ao espaço *on-line*, os jornalistas, em geral, retratam que é mentalmente exaustivo estar conectado instantaneamente. Lars Larsson, perguntado se sente que é exposto ao trabalho 24 horas, afirma que, apesar de sempre ter esse estilo de trabalho, agora é mais fácil ser encontrado por outros membros da redação e até mesmo por leitores.

Sim, eu sinto. Sempre foi o meu estilo. Mas agora é muito mais fácil fazer isso. Eu tenho um padrão de trabalho agora que não tinha antes. Posso deitar na minha cama e enviar um *e-mail* ou as pessoas podem me enviar um *e-mail*. E é isso também, antes do *smartphone*, o celular só tinha uma função de sms. Agora as pessoas sabem que você está acessando instantaneamente por *e-mail*, sms ou até mesmo por dm do Twitter, Messenger. Antes eles tinham que passar por você no escritório ou ligar para você. Então, agora você tem acesso a muitas coisas, mas as pessoas têm acesso a você. Quando você trabalha na agência de notícias, você trabalha em um *loop*, é difícil cortar e sair do trabalho às 17 horas da noite (Lars Larsson, 2023).

As relações simbióticas também atingem os profissionais em perspectivas pessoais. Julius Harro aponta que há uma pressão existente resultante das relações simbióticas. Ao apontar que desliga as notificações do seu dispositivo móvel, o profissional reconhece que há uma relação estressante por trás dos aparelhos e a conexão ininterrupta nas redações.

De acordo com um privado, a pressão. Acho que o telefone me pressiona e envia notificações de mensagens o tempo todo, mesmo que eu desligue as notificações de trabalho, ainda tenho uma rede enorme com familiares e amigos. Então pode haver pressão, então tento me comunicar o mínimo possível (Julius Harro, 2023).

Nessa perspectiva, separar o pessoal do profissional se torna cada vez mais complicado para os jornalistas. Com as notificações 24/7 e as redações por aplicativos móveis, é impossível se desconectar das informações correntes e do trabalho. Sofie Axelsson, por exemplo, aponta acreditar que esse é um fenômeno global no jornalismo.

Aí é difícil. Você só tem que aceitar, eu acho. Só tenho que aceitar que este é o campo que escolhi e me interessa por todas essas questões e quero saber a opinião de meus colegas sobre a sociedade que gira em torno desses tópicos, mesmo depois do horário de trabalho. Então, só para não estender, sim, tenho que aceitar que é assim que minha vida é e não sou uma enfermeira que vai para casa depois do trabalho e vai para sua vida privada. Mas então, quero dizer, você pode tentar guardar o telefone e não receber notificação, mas eu também não quero fazer isso, como eu disse, sou curiosa e sei que isso é um problema, mas também é um problema global, eu acho (Sofie Axelsson, 2023).

Em suma, o que observamos com as entrevistas é que as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis proporcionam pelas *affordances*, além da velocidade da prática jornalística, um fenômeno de redações híbridas de jornalismo que ocorrem em espaços físicos e virtuais, por meio de aplicativos como Microsoft Teams ou Skype. Nesse contexto, a mediação aparece não apenas como ambiência, mas como estrutural nas práticas e nos processos sociais inseridos na rotina jornalística em que se mudam os sentidos e os discursos devido à conexão 24 horas dos profissionais. Ou seja, o jornalista nunca sai da redação porque ela está nele. A redação é o conjunto de suas vivências, seu celular, seu lar e o local que as práticas interacionais acontecem.

Nesse contexto midiaticado, em que há uma gama infinita de informações sendo discutidas e produzidas nas redes sociais, o profissional de comunicação tem o seu papel ampliado e fundamentado pela necessidade de afirmar o que de fato é notícia. Em adição, as redações em dispositivos móveis permitem que os jornalistas trabalhem em e de qualquer lugar, remodelando a forma com a qual o profissional está acostumado a trabalhar: seja nas práticas de construção e produção, seja nas interações com os outros profissionais. A partir disso, parece haver uma presente crise psicossomática causada pela conexão constante e a necessidade de se atualizar por meio das redes sociais e dos aplicativos das redações *on-line*.

Outro tópico abordado nas entrevistas foi a relação que os jornalistas tinham com os atores sociais. Esse debate é importante para compreender de que forma os atores sociais afetam o processo jornalístico. Como debatemos nos capítulos anteriores, no contexto da mediação, os atores sociais já não são mais passivos na rotina

jornalística, eles estão imbricados em jogos complexos de disputas de sentidos que remodelam o jornalismo midiaticizado.

Marten Eidevall aponta que a Sveriges Radio monitora os discursos e sentidos existentes nas redes sociais, como o Facebook. Por um outro lado, para o jornalista, há uma determinada linha de filtro que deve ser traçada, já que as mensagens recebidas devem ser questionadas e verificadas.

Sim, eles ligam e enviam *e-mails*. Mas sempre olhamos para o “mensagens” e para o Facebook para ver. Algumas pessoas em geral costumam ligar para o jornal. Algumas pessoas enviam mensagens com “isso está acontecendo, por favor, confira”. Quero dizer, é difícil reagir. Você responde à pessoa? Você envia para o editor? O que nós vamos fazer? Mas quero dizer, em geral é muito útil. Portanto, temos que manter essas linhas abertas e, quero dizer, não podemos simplesmente desligar o *feed* do Facebook, precisamos disso (Marten Eidevall, 2023).

Na perspectiva de Julius Harro, enquanto jornalista de rádio, os atores sociais são parte do processo da construção de conteúdo, inseridos em lógicas de produção. O profissional ainda afirma que é comum pegar vozes das próprias mídias sociais para usar durante a produção da reportagem.

No rádio, principalmente, é muito importante que as pessoas participem de alguma forma. No meu canal de rádio, não temos muitas músicas, é um canal de rádio muito focado em notícias e, claro, precisamos das vozes das pessoas também, pois precisamos representar a sociedade. Então, quando vemos ou ouvimos as vozes nas mídias sociais, representamos um certo lado, uma certa opinião ou uma certa atitude sobre um assunto. Então, agora que essas vozes estão por aí e às vezes até pegamos as vozes das mídias sociais e as usamos em nossas reportagens de rádio para apoiar argumentos ou mostrar outros lados (Julius Harro, 2023).

No ambiente em midiaticização percebemos, portanto, que os atores sociais são parte do processo de produção jornalístico. Aqui eles não são apenas atores passivos ao processo, mas fontes de informação que complexificam e acrescentam novas formas e camadas ao fazer jornalístico, como sugestão de pautas, envio de materiais como fotografias e vídeos, e as próprias discussões nas redes sociais. Na midiaticização, portanto, estão inseridos em lógicas de produção.

A editora do *Dagens ETC*, Signe Lidén, afirma que os atores sociais são participativos e que enviam ao jornal ideias de pauta, documentos, conteúdos e que entram em contato com certa frequência. Por outro lado, de certa forma, o movimento de enviar conteúdo aos jornais não é novo no jornalismo. A “carta ao leitor”, por exemplo, já existe há décadas.

Temos pessoas que nos enviam ideias e documentos sobre coisas que querem que escrevamos. Portanto, são todos os tipos de conteúdos, as pessoas ligam, escrevem cartas físicas, escrevem *e-mails*. Como “Você pode olhar para isso, acho que há algo importante aqui para você fazer uma pesquisa sobre isso” e recebemos muitas boas ideias dos leitores, mas nunca sabemos quando é bom ou não. E à medida que crescemos e ficamos mais visíveis, as pessoas nos enviam mais (Signe Lidén, 2023).

Apesar da carta ao leitor já existir há um bom tempo nas práticas jornalísticas, o ambiente em midiatização proporciona processos sociais completamente diferentes. Os atores sociais não precisam mais enviar cartas ou *e-mails* aos jornalistas, eles acompanham todo o processo e produzem sentido a partir de narrativas pelas redes sociais como Instagram e X. Essas dinâmicas transformam o jornalismo não apenas no processo de recepção, mas também, em um processo de produção cotidiana de conteúdo.

A partir disso, há também um movimento nos jornais de observarem de que forma as discussões estão sendo engajadas nas redes sociais como no X, por exemplo. Clara Lee aponta que o *Dagens ETC* possui um profissional responsável por juntar essas informações e dados e entregar como relatório para os jornalistas diariamente. A partir disso, podemos perceber que os atores sociais e os debates nas redes sociais são parte da construção jornalística e que eles podem alterar, de certa forma, os sentidos e discursos presentes nas questões sociais retratadas pelos profissionais. Nesse cenário, o jornalista se torna uma espécie de curador do que é notícia e do que de fato se torna interesse público e do público.

Sim, um dos caras que trabalha com publicidade e nessa área comercial do jornal faz esse resumo. Todos os dias ele coloca nos *chats* no Skype os TT, mas eu não sei afirmar se daí acontece algo. Eu não sei afirmar o porquê de ele fazer isso, na verdade, mas a gente trabalha muito com. Eu não sei nem traduzir, não sei nem em inglês ainda, sabe quando você tem um artigo e para você ler você precisa de uma subscrição e aparece uma oferta? Tipo, paga 10 coroas suecas e você pode ler o artigo. Isso a gente chama de conversão. Isso é um pouco estressante às vezes. Inclusive esse cara publica todos os dias no *chat* quais artigos ganharam essas conversões também. Então eu sinto que a gente está muito consciente disso, entendeu? Essa entrevista que eu fiz com uma escritora sueca resultou em várias novas subscrições ou conversões. Alguns ficaram e aproveitaram a oferta e outros saíram depois de ler a matéria. Claro que isso de alguma forma dá um impacto e há uma discussão sempre viva na redação. Não podemos ficar cegos com esses números. Só o jornalista que escreve um artigo assim é bom. Cada um precisa fazer suas coisas, às vezes é algo chato e não ganha muita atenção. O que modifica o *status* social dentro da redação, fica um pouco estranho (Clara Lee, 2023).

Lars Larsson, por outro lado, traz ao debate outra perspectiva sobre os assuntos mais comentados no X e a forma com a qual eles se inserem no debate jornalístico. Para o repórter,

o X é apenas um retrato e não representa o “real” debate social. Além disso, o autor ainda aponta para o grande número de contas *fake* e *trolls* na rede social.

Sim, é e acho que talvez tenhamos uma imagem distorcida. Se você é um jornalista e está no Twitter ou se você é uma pessoa interessada na mídia, político, seja o que for, você pode ter uma imagem errada do que as pessoas acham que é importante. Se você for pelo que é só *trading* no Twitter, não sei, talvez você também estude isso. Talvez 10% do povo sueco esteja ativo no Twitter, verifique ou tenha uma conta no Twitter. Então o que rola por aí talvez diga respeito a poucas pessoas ou ao público. Então você tem que ter cuidado com isso (Lars Larsson, 2023).

Os atores sociais na Suécia parecem fazer parte do processo a partir de suas discussões nos meios digitais. Os diversos discursos e sentidos que surgem contribuem para as pautas do jornalismo, modificando, de certa forma, o que conhecemos por *gatekeeping* e *gatewatching*. Por outro lado, não realizar o processo etnográfico dentro das redações não me permitiu observar esse fenômeno *in natura*. Ou seja, o que se traz neste artigo é a percepção e a perspectiva de jornalistas que, muitas vezes, estão tão imersos no contexto em que trabalham que não conseguem distinguir fenômenos vigentes.

CONCLUSÕES

Este artigo apresentou como objetivo identificar o que emerge das relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de jornalismo na Suécia, mais especificamente em Estocolmo, no contexto da midiatização.

A partir das empirias, foi possível compreender que o processo de circulação de sentidos está presente na estruturação e produção de conteúdos jornalísticos por meio das relações simbióticas. Observa-se, também, que os atores sociais na Suécia fazem parte do “fazer jornalístico”, modificando, de certa forma, o que se conhece por *gatekeeping* e *gatewatching*.

Percebe-se, portanto, o jornalista em um local adaptativo contínuo da realidade em processo constante de midiatização. Em outros termos, há uma nova lógica com relação aos dispositivos nas redações, as lógicas de midiatização alteram a forma como as interações ocorrem dentro e fora desses espaços. Nesse sentido, é possível refletir ainda que o jornalista se torna um curador das notícias, um profissional que observa discursos produzidos pela rede e chancela o que é ou não relevante para o jornalismo.

O processo contínuo de adaptação e a necessidade de estar conectado também se mostraram um fenômeno que influencia o jornalista enquanto sujeito em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, os jornalistas suecos apontaram para uma exposição a notícias, informações e a necessidade eminente de estar conectado. Essa superexposição à conexão denota, de acordo com os entrevistados, uma série de questões psicossomática, tornando imprescindível que a academia observe de que forma a conexão ininterrupta entre humanos e dispositivos nos afeta socialmente e em termos de saúde pessoal.

A circulação de sentidos também altera a forma como os atores sociais consomem as informações. Com os dados obtidos, foi possível compreender que os jornalistas parecem se preocupar com a forma como as informações são consumidas, seja por formato ou pela velocidade das informações presentes em rede.

Sobre a ambiência, é possível concluir que há uma extensão das redações para o ambiente *on-line* a partir de dispositivos técnicos. Aqui observa-se uma série de práticas e lógicas de midiaticização que entram em contato. A redação midiaticizada, no cenário sueco, se torna um espaço que vai além do trabalho, é um espaço de interação contínua. A redação e o jornalista são um só. A partir do exposto, define-se as redações midiaticizadas suecas como redações de jornalismo que funcionam de maneira desterritorial ou híbrida, com espaços de trabalho que são estendidos por meio de dispositivos tecnológicos e de aplicativos, afetando lógicas de produção, recepção e distribuição.

Como pesquisas futuras, há a possibilidade de adentrar aos espaços das redações *on-line* para realizar um netnografia sobre esses espaços. Acredita-se que há um espaço de discussão sobre essa área que merece atenção e deve ser explorado. Existe também a possibilidade de compreender de que forma as redações midiaticizadas impactam na saúde mental dos jornalistas, uma vez que, em mais de uma entrevista, essa questão apareceu e foi levantada pelos profissionais suecos. Ademais, existe a possibilidade de estender essa pesquisa para outros tipos de dispositivos técnicos. Com o lançamento do Apple Vision Pro, por exemplo, há uma nova forma de se pensar as relações simbióticas e novas camadas são adicionadas ao processo antropológico, social e comunicacional.

REFERÊNCIAS

AXELSSON, Sofie. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 17 de abril de 2023.

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. **Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências**. São Paulo: Labcom, 2013.

BERTOLINI, Jeferson. Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. *Animus*, Santa Maria, v. 38, n. 31, p. 213-228, 2017.

BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Ensaios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

CARDANO, Mario. **Manual de Pesquisa qualitativa: contribuição da teoria da argumentação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARLÓN, Mário. Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discurso de las cámaras de informes climáticos y de control de tránsito por televisión. *Cuadernos de Información y Comunicación*, [s. l.], v. 13, p. 131-141, 2008.

CHARDIN, Pierre Theillard de. **The Phenomenon of Man**. New York: Harper Perennial, 2018.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. Coleção Focus.

HARRO, Julius. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 20 de fevereiro de 2023.

KERCKHOVE, Derrick. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 53-64, 2015.

KLUGMAN, Olof. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 17 de abril de 2023

LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org). **Antropologia e Jornalismo: uma questão de método**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LARSSON, Lars. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 3 de abril de 2023.

LEE, Clara. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 8 de janeiro de 2023.

LIDÉN, Signe. **Entrevista pessoal**. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 17 de abril de 2023

MARCELLINO, Marcio Morrison Kaviski; FORT, Monica Cristine. Smartphone como extensão simbiótica do jornalista: uma reflexão das relações homem-máquina na produção de notícias móveis. *Revista Pauta Geral*, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, 2018.

MARCELLINO, Marcio Morrison Kaviski; ROSA, Ana Paula. A relação entre jornalistas e dispositivos móveis nas redações de portais on-line em Curitiba-PR no contexto da midiatização. *Revista Latino-Americana de Jornalismo - Âncora*, João Pessoa, v. 7, n. 2, 2020.

MARTEN, Eidevall. *Entrevista pessoal*. Conduzida por: Marcio Morrison Kaviski Marcellino. Estocolmo, 15 de janeiro de 2023.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. São Paulo: Cultrix, 1964.

NETO, Antônio Fausto. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: Das fotos furtadas à fita leitora. *La Trama de la Comunicación*, [s. l.], v. 12, p. 117-132, 2007.

ROSA, Ana Paula. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. *Revista Interin*, Curitiba. v. 21, n. 2, p. 60-81, 2016.

ROSNAY, Joel. *O homem simbiótico: perspectivas para um terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 1997.

NOTA

1. O Fika é um costume social na Suécia. Significa tirar um tempo do trabalho e tomar um café ou chá com os amigos, colegas de profissão. Está ligado ao contexto de bem-estar e tempo de qualidade dos suecos.

SOBRE O AUTOR

Pós Doutorado em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (CePIL/NIPE) com bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com período sanduíche na Södertorn University (Suécia) bolsa CAPES/STINT. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná e Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: marciomorrison@hotmail.com.

Artigo recebido em: 1 de novembro de 2024

Artigo aceito em: 10 de fevereiro de 2025